

# TECNOLOGIA INCLUSIVA: REDEFININDO O FAZER PEDAGÓGICO EM AMBIENTES DIGITAIS EDUCACIONAIS

*INCLUSIVE TECHNOLOGY: REDEFINING PEDAGOGICAL PRACTICE IN DIGITAL EDUCATIONAL ENVIRONMENTS*

## **Kárta Pereira Dias**

MUST University, Estados Unidos

## **Fernanda Batista**

MUST University, Estados Unidos

## **Gisselly Mendonça Fernandes**

MUST University, Estados Unidos

## **José Pereira Franco**

MUST University, Estados Unidos

## **Camila de Camargo Silva**

MUST University, Estados Unidos

## **Jaciane Cani Ribeiro**

MUST University, Estados Unidos

## **Gilza Alves da Silva**

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/cxv4rj40>

Publicado em: 02.10.2025

**Resumo:** A integração das tecnologias digitais à educação tem impulsionado profundas mudanças no cotidiano escolar, especialmente no que se refere à inclusão de estudantes com deficiência. Este artigo tem como objetivo geral analisar como se configura a reconstrução do fazer pedagógico em ambientes digitais inclusivos, com foco nas práticas docentes, nas tecnologias assistivas e nas perspectivas de inclusão escolar. A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, com levantamento bibliográfico em bases como SciELO e CAPES, a partir dos descritores: Inclusão digital, Tecnologias assistivas, Práticas docentes, Ambientes digitais e Educação inclusiva. Os resultados apontam desafios na formação docente, na implementação de recursos acessíveis e na criação de ambientes realmente inclusivos, mas também revelam experiências exitosas e possibilidades de transformação. Este estudo contribui para o avanço de práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade e indica caminhos para novas investigações.

**Palavras-chave:** Inclusão digital. Tecnologia assistiva. Práticas docentes. Ambientes digitais. Educação inclusiva.



**Abstract:** The integration of digital technologies into education has driven profound changes in school practices, especially concerning the inclusion of students with disabilities. This article aims to analyze how the reconstruction of pedagogical practices in inclusive digital environments is configured, focusing on teaching practices, assistive technologies, and inclusive education perspectives. The research adopts a qualitative approach, based on bibliographic analysis using databases such as SciELO and CAPES, and descriptors: Digital inclusion, Assistive technologies, Teaching practices, Digital environments, and Inclusive education. The findings highlight challenges in teacher training, the implementation of accessible resources, and the creation of truly inclusive environments, while also revealing successful experiences and opportunities for transformation. This study contributes to the advancement of more diversity-sensitive pedagogical practices and suggests paths for further research.

**Keywords:** Digital inclusion. Assistive technologies. Teaching practices. Digital environments. Inclusive education.

## 1 Introdução

A presença das tecnologias digitais no cenário educacional contemporâneo tem provocado ressignificações no papel do professor, na dinâmica da sala de aula e nas estratégias de ensino-aprendizagem. A emergência de uma cultura digital exige não apenas a adoção de ferramentas tecnológicas, mas, sobretudo, a construção de um novo olhar pedagógico sensível às especificidades e diversidades dos sujeitos que compõem a escola. Nesse contexto, a inclusão escolar, entendida como o direito de todos os estudantes participarem ativamente do processo educativo, ganha contornos ainda mais complexos quando articulada ao ambiente digital.

A transformação digital, embora repleta de potencialidades, tem acentuado desigualdades estruturais. Em muitos contextos, estudantes com deficiência enfrentam barreiras que comprometem seu direito à aprendizagem plena. Como destacam Paz et al. (2025), a articulação entre cultura digital, tecnologias assistivas e práticas pedagógicas inclusivas é fundamental para garantir o acesso e a permanência de alunos com necessidades específicas nos ambientes digitais.

Embora as tecnologias digitais ofereçam possibilidades inovadoras, seu uso descontextualizado pode reforçar práticas excludentes. Ambientes digitais que desconsideram as particularidades cognitivas, linguísticas ou físicas dos alunos não cumprem seu papel formativo. Assim, a reconstrução do fazer pedagógico em contextos digitais demanda formação continuada dos docentes, apropriação crítica das ferramentas disponíveis e o compromisso com uma educação pautada no direito à diferença.

A escola, ao assumir o desafio de construir um ambiente digital inclusivo, precisa revisar seus currículos, suas metodologias e suas concepções de aprendizagem. As tecnologias assistivas e os recursos de acessibilidade devem ser incorporados de maneira planejada e significativa, de modo a ampliar as formas de expressão, comunicação e interação dos estudantes. Araujo (2025)

ênfata que a mediação pedagógica em ambientes digitais deve ser sensível à complexidade da diferença e orientada por princípios éticos de escuta e acolhimento.

A inclusão digital, nesse sentido, não pode ser pensada apenas como acesso às tecnologias, mas como um processo de protagonismo estudantil, em que cada sujeito tenha condições de construir conhecimentos de forma autônoma e criativa. A reconstrução do fazer pedagógico passa, portanto, pela escuta das experiências escolares e pela valorização dos saberes locais, afetivos e culturais presentes nos territórios educativos.

A reflexão sobre a integração entre cultura digital e educação inclusiva remete, também, à necessidade de enfrentamento das condições materiais e simbólicas que limitam a plena participação dos estudantes. A inclusão se efetiva quando as práticas pedagógicas consideram a complexidade dos contextos escolares e reconhecem os sujeitos em sua inteireza. O uso de tecnologias, nesse caso, é um meio e não um fim.

A relevância da temática se justifica pela urgência em promover uma educação mais equitativa e responsiva às transformações contemporâneas. Ao problematizar a relação entre práticas docentes, tecnologias digitais e inclusão escolar, o presente estudo visa contribuir para o aprimoramento das políticas educacionais e da formação de professores comprometidos com a justiça social.

Este artigo está estruturado em sete seções: após esta introdução, apresenta-se a metodologia, seguida de três capítulos teóricos que discutem o fazer pedagógico em ambientes digitais, as práticas inclusivas e as tecnologias assistivas. Em seguida, discutem-se os resultados encontrados e suas implicações, finalizando-se com as considerações finais.

## **2 Metodologia**

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, com ênfase em analisar produções acadêmicas que dialogam com a reconstrução do fazer pedagógico em ambientes digitais inclusivos. A opção por essa abordagem se justifica pela intenção de compreender os sentidos e as práticas atribuídas à inclusão digital nas vivências escolares, observando as complexidades do fenômeno a partir de diferentes perspectivas teóricas.

A pesquisa bibliográfica constitui o núcleo metodológico central deste estudo. Conforme destacam Sousa, Oliveira e Alves (2021), esse tipo de pesquisa permite o contato direto com teorias, autores e produções científicas que fundamentam o problema em questão, favorecendo a elaboração de análises críticas e aprofundadas. A escolha dessa metodologia também se sustenta na possibilidade de identificar experiências e reflexões já consolidadas no campo da educação inclusiva mediada por tecnologias.

A natureza exploratória da pesquisa foi relevante para mapear lacunas e potencialidades no uso de tecnologias assistivas no cotidiano escolar. Por meio da revisão sistemática de estudos publicados entre 2020 e 2025, buscou-se compreender como docentes têm ressignificado suas

práticas a partir da introdução das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) em contextos de inclusão. O recorte temporal privilegia um período de intensificação dos debates sobre educação digital e acessibilidade, especialmente no contexto pós-pandemia.

A coleta de dados foi realizada por meio do levantamento e seleção de artigos científicos em duas bases de dados de referência: SciELO e Portal de Periódicos da CAPES. Os critérios de inclusão consideraram a aderência ao tema, a atualidade das publicações e a relevância das análises para o campo investigado. Inicialmente foram localizados 40 estudos, dos quais 11 foram selecionados por atenderem aos objetivos da pesquisa.

A análise do corpus textual foi conduzida com base em leitura crítica e cruzamento de dados entre as categorias emergentes. O procedimento visou identificar regularidades, divergências e proposições inovadoras relacionadas à reconstrução do fazer pedagógico inclusivo. Conforme apontam Grazziotin, Klaus e Pereira (2020), a pesquisa bibliográfica exige não apenas a identificação de fontes, mas sua apropriação interpretativa, de modo a evidenciar contribuições teóricas significativas.

Foram definidos cinco descritores principais para a busca e organização do material: Inclusão digital, Tecnologias assistivas, Práticas docentes, Ambientes digitais e Educação inclusiva. Tais termos possibilitaram a delimitação do escopo temático e facilitaram a localização de artigos com abordagens coerentes com os objetivos propostos.

O processo de triagem dos artigos envolveu a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, seguido da análise integral dos textos selecionados. Esse percurso foi fundamental para garantir a consistência teórica da investigação e a diversidade de enfoques metodológicos considerados. A preocupação em contemplar múltiplas perspectivas contribuiu para uma compreensão mais ampla e crítica do fenômeno estudado.

Para sistematizar a distribuição dos artigos por base de dados, foi elaborado o Quadro 1, que apresenta a quantidade de produções localizadas e selecionadas. Essa organização permitiu visualizar o panorama da produção científica recente sobre o tema, evidenciando o crescimento do interesse acadêmico pela articulação entre tecnologias e práticas inclusivas.

A análise final dos dados orientou-se pela busca de experiências e reflexões que apontassem caminhos para a reconstrução de uma prática pedagógica mais ética, sensível e democrática. O olhar metodológico, portanto, não se limitou à descrição das práticas, mas buscou interpretar suas implicações formativas, políticas e epistemológicas.

### **3 Inclusão digital e a reconfiguração da prática docente**

A presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nos ambientes escolares tem impulsionado mudanças na forma como o ensino é planejado e executado, exigindo dos professores uma postura mais dinâmica e reflexiva. Nesse novo cenário, o docente não pode mais ser entendido apenas como transmissor de conteúdos, mas como agente

mediador das aprendizagens. Tal reconfiguração do papel do educador demanda a compreensão das especificidades da cultura digital e dos recursos acessíveis aos estudantes, em especial àqueles com deficiência. A mediação, nesse sentido, deve ser voltada para práticas pedagógicas que favoreçam o protagonismo discente e a aprendizagem significativa.

A inserção das tecnologias na escola não garante, por si só, uma prática inclusiva. É necessário que haja uma intencionalidade pedagógica que articule os recursos digitais com a escuta ativa e o planejamento colaborativo. Paz et al. (2025) apontam que a cultura digital transforma os modos de ensinar e aprender, exigindo novas competências docentes. Para isso, os professores precisam assumir o compromisso com a diversidade e adaptar suas metodologias de forma acessível e equitativa.

Oliveira et al. (2024) destacam que, apesar do potencial das TICs, há resistência de parte do corpo docente em integrá-las de maneira eficaz. Essa resistência pode estar relacionada à formação insuficiente, à falta de infraestrutura ou mesmo ao desconhecimento sobre os benefícios desses recursos. A superação desses obstáculos requer investimentos em formação continuada e políticas públicas que fomentem a inovação pedagógica com foco na inclusão.

Nesse sentido, a cultura digital deve ser compreendida como um novo ecossistema pedagógico que ultrapassa os muros da escola tradicional. Os processos de ensino e aprendizagem passam a ocorrer de forma mais fluida, colaborativa e interativa, rompendo com modelos centrados na transmissão e abrindo espaço para a construção coletiva do conhecimento. Esse movimento, entretanto, precisa ser orientado por princípios éticos e políticos de equidade.

Ferreira (2021) ressalta que o acesso à tecnologia deve ser compreendido como um direito educacional, sendo o professor um agente crucial para garantir que esse direito se concretize de maneira democrática. O desafio não está apenas em disponibilizar os equipamentos, mas em transformar os usos pedagógicos dessas ferramentas em experiências de aprendizagem significativas, que considerem as múltiplas formas de ser e aprender dos estudantes.

Dessa maneira, a prática docente em ambientes digitais requer uma atuação que vá além do domínio técnico, envolvendo a sensibilidade para lidar com a diversidade e o compromisso com a inclusão. O fazer pedagógico, neste contexto, assume uma perspectiva mais ampla e humanizada, em que a tecnologia é mediadora e não protagonista do processo educativo.

Por fim, cabe destacar que essa resignificação do papel docente não se esgota na formação inicial, sendo imprescindível o investimento em programas de capacitação contínua que promovam o letramento digital e a competência pedagógica em ambientes híbridos. Esse é um caminho fundamental para a construção de escolas mais justas, acessíveis e inovadoras.

O próximo capítulo aprofundará as discussões sobre os recursos tecnológicos como instrumentos de acessibilidade, considerando suas contribuições práticas no cotidiano educacional.

#### 4 Recursos tecnológicos como estratégias de acessibilidade educacional

A acessibilidade educacional mediada por tecnologias digitais não se restringe ao uso de equipamentos. Envolve, acima de tudo, a adaptação das práticas pedagógicas para que todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou cognitivas, possam participar de maneira equitativa do processo de aprendizagem. Neste contexto, os recursos tecnológicos atuam como facilitadores de uma educação mais democrática.

Segundo Paz et al. (2025), as tecnologias assistivas, quando integradas às TDICs, promovem o letramento digital e ampliam as formas de expressão e comunicação dos estudantes com deficiência. Essa integração exige uma compreensão sensível por parte dos docentes sobre as barreiras enfrentadas por esses alunos, bem como o domínio de ferramentas específicas como softwares de leitura de tela, legendas em tempo real, materiais em *braille*, entre outros.

A efetivação de práticas inclusivas baseadas em tecnologias demanda planejamento pedagógico centrado na equidade. Oliveira et al. (2024) enfatizam que a resistência à implementação das TICs se deve, muitas vezes, à dificuldade dos professores em conciliar os objetivos curriculares com os recursos disponíveis. Essa realidade evidencia a necessidade de apoio institucional e formação continuada, de forma que os educadores se sintam aptos a adaptar suas estratégias.

Ferreira (2021) argumenta que a escola deve assumir um compromisso ético com a inclusão, promovendo o acesso digital como um direito social. Isso implica considerar a diversidade como princípio organizador do currículo e das práticas pedagógicas, e não como um desafio a ser superado individualmente por cada aluno. A mediação pedagógica, neste cenário, assume o papel de ponte entre o conteúdo e o estudante.

Nesse sentido, as práticas inclusivas mediadas por tecnologia devem ser baseadas em princípios de escuta, colaboração e adaptação. A inclusão não ocorre apenas pela presença de dispositivos, mas pela criação de condições para que os estudantes possam usá-los de forma significativa. A tecnologia, quando articulada com práticas pedagógicas humanizadas, torna-se um instrumento de emancipação.

A utilização pedagógica dos recursos digitais precisa ser orientada por uma visão crítica que compreenda a tecnologia não como neutralidade, mas como construção social carregada de valores e significados. Isso exige dos professores uma postura investigativa e propositiva, capaz de avaliar as potencialidades e os limites de cada ferramenta no contexto específico de seus alunos.

A realidade das escolas públicas brasileiras ainda apresenta desigualdades de acesso, o que torna urgente o fortalecimento de políticas públicas voltadas à democratização das tecnologias educacionais. O papel do Estado, portanto, é essencial para garantir que as tecnologias não aprofundem exclusões já existentes, mas que sirvam de ponte para o aprendizado.

Com base nisso, o próximo capítulo abordará como a formação docente influencia diretamente na eficácia das práticas pedagógicas inclusivas em ambientes digitais.

## 5 Formação docente e a efetivação de práticas digitais inclusivas

A construção de práticas pedagógicas inclusivas em ambientes digitais exige do professor competências específicas que ultrapassam o conhecimento técnico sobre tecnologias. A formação docente, tanto inicial quanto continuada, torna-se fator decisivo para que o uso das TDICs seja efetivo na promoção de uma educação acessível e equitativa.

Oliveira et al. (2024) salientam que o processo de inclusão depende fortemente da atuação docente, o que reforça a necessidade de programas formativos que capacitem os professores para o uso pedagógico das TICs de maneira crítica e intencional. O desafio está em romper com uma concepção instrumentalizada da tecnologia, adotando abordagens que valorizem a mediação, a escuta e o respeito às singularidades.

Ferreira (2021) aponta que os cursos de formação docente ainda carecem de uma abordagem que contemple a inclusão digital como eixo estruturante. Muitas vezes, os educadores chegam às salas de aula sem preparo suficiente para lidar com a diversidade de seus alunos, o que gera insegurança e limitações na aplicação de práticas inovadoras. Essa lacuna reflete diretamente na qualidade das experiências de aprendizagem.

Para Paz et al. (2025), a formação dos professores deve enfatizar a relação entre cultura digital e justiça social. Isso implica pensar o uso das tecnologias como estratégia de enfrentamento das desigualdades educacionais. A qualificação docente, portanto, não pode se restringir a oficinas esporádicas, mas deve ser contínua, reflexiva e ancorada nas práticas reais dos educadores.

Nesse sentido, a formação docente deve possibilitar o desenvolvimento de competências para o planejamento de atividades que envolvam os estudantes de forma ativa e significativa. A autonomia docente é fortalecida quando há espaço para a experimentação e o diálogo com pares, favorecendo a construção coletiva de saberes.

A escola, como espaço de desenvolvimento profissional, precisa oferecer condições para que o professor se atualize e ressignifique suas práticas. Isso envolve não apenas infraestrutura adequada, mas também uma gestão comprometida com a inovação pedagógica e a inclusão. É nesse ambiente colaborativo que a formação se consolida como prática transformadora.

Por fim, ao compreender que a formação docente é peça-chave na efetivação de práticas digitais inclusivas, reitera-se a importância de políticas públicas que promovam a valorização do professor. A inclusão não será realidade enquanto os profissionais da educação não forem preparados, reconhecidos e apoiados em sua atuação cotidiana.

O próximo capítulo apresentará os resultados e discussões obtidos a partir da análise dos dados, conectando os fundamentos teóricos com as evidências empíricas levantadas na pesquisa.

## 6 Resultados e discussão

A reconstrução do fazer pedagógico em ambientes digitais inclusivos revelou-se um campo permeado por desafios estruturais, limitações formativas e experiências promissoras. A

análise dos 11 artigos selecionados evidenciou que a inclusão digital, quando associada ao uso intencional das tecnologias assistivas, pode transformar a experiência escolar de estudantes com deficiência. No entanto, para que essa transformação ocorra, é necessário superar barreiras ainda presentes na formação docente e na organização curricular.

Dentre os principais achados, destaca-se a fragilidade da formação inicial em preparar os professores para lidar com a diversidade em ambientes digitais. Grande parte dos estudos revisados aponta que os cursos de licenciatura ainda oferecem pouco contato com as tecnologias assistivas e com metodologias inclusivas. Isso repercute na insegurança dos docentes em adaptar suas práticas ao contexto digital e em responder às demandas de estudantes com deficiência.

A formação continuada, embora mais presente nas escolas analisadas, também mostrou-se fragmentada. Muitos professores relatam participar de oficinas técnicas sobre plataformas educacionais, mas sem articulação com os princípios da educação inclusiva. Essa desconexão limita o potencial das TDICs como instrumentos de equidade. Conforme apontado por Oliveira et al. (2024), a formação docente precisa integrar saberes pedagógicos, tecnológicos e inclusivos de maneira indissociável.

Outro ponto recorrente nos artigos analisados diz respeito à infraestrutura das escolas. Apesar do avanço na distribuição de equipamentos digitais, a ausência de acessibilidade nas plataformas, a limitação de banda larga e a escassez de recursos assistivos dificultam a efetivação de práticas inclusivas. Paz et al. (2025) ressaltam que a democratização da tecnologia passa, obrigatoriamente, pela oferta de condições materiais que garantam o acesso de todos.

Por outro lado, a pesquisa identificou experiências exitosas em escolas que investiram na articulação entre tecnologias e práticas pedagógicas sensíveis à diversidade. Projetos que envolvem recursos como leitores de tela, audiodescrição, jogos digitais acessíveis e plataformas adaptadas demonstraram impacto positivo na participação dos estudantes com deficiência. Essas experiências mostram que, quando há compromisso institucional, é possível construir ambientes digitais mais inclusivos.

A mediação pedagógica é outro elemento central nos resultados analisados. Os professores que se destacaram nas experiências bem-sucedidas não apenas utilizavam recursos digitais, mas os adaptavam conforme as necessidades dos alunos. Essa postura ativa e investigativa revela a importância da escuta como princípio pedagógico e da autonomia docente como motor da inovação. Ferreira (2021) enfatiza que o professor é o elo entre o recurso tecnológico e a aprendizagem significativa.

Também foi observado que escolas que incentivam o trabalho colaborativo entre docentes, gestores e famílias obtêm melhores resultados na inclusão digital. A criação de grupos de estudo, fóruns virtuais de troca de experiências e redes de apoio pedagógico fortalece a atuação dos professores e amplia a qualidade do ensino. Araujo (2025) destaca que a inclusão é uma construção coletiva, que depende da articulação de múltiplos atores.

A análise dos dados permitiu identificar ainda que a cultura digital tem o potencial de romper com práticas tradicionais excludentes, desde que mediada por uma intencionalidade inclusiva. O simples uso da tecnologia não garante equidade. Pelo contrário, em contextos sem mediação adequada, ela pode reforçar desigualdades já existentes. Por isso, a reconstrução do fazer pedagógico exige mais do que inovação: requer compromisso ético e político.

A discussão dos resultados reforça a urgência de políticas públicas que valorizem a formação docente, garantam infraestrutura acessível e promovam uma cultura escolar baseada na escuta, na diversidade e na justiça social. As evidências levantadas apontam caminhos possíveis, mas também alertam para os riscos de uma inclusão meramente formal ou tecnocrática.

O capítulo seguinte apresentará as considerações finais, retomando os objetivos do estudo e propondo desdobramentos futuros a partir dos achados desta pesquisa.

## **7 Considerações finais**

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como se configura a reconstrução do fazer pedagógico em ambientes digitais inclusivos, destacando as práticas docentes, o uso das tecnologias assistivas e os desafios da inclusão escolar. Ao longo da análise bibliográfica, foi possível identificar que a presença das tecnologias digitais na educação não garante, por si só, a efetividade da inclusão, sendo fundamental a mediação pedagógica intencional e comprometida com a diversidade.

Os dados demonstraram que ainda há lacunas significativas na formação inicial e continuada dos professores no que se refere ao uso das tecnologias digitais com foco na inclusão. A ausência de políticas formativas integradas aos princípios da educação inclusiva dificulta a construção de práticas efetivas. Contudo, experiências bem-sucedidas indicam que é possível promover ambientes digitais acolhedores e acessíveis quando há investimento institucional e escuta ativa das necessidades dos estudantes.

A contribuição deste estudo reside na articulação entre cultura digital e práticas inclusivas como eixos centrais para a ressignificação do fazer pedagógico. A pesquisa aponta que a reconstrução das práticas docentes em ambientes digitais não pode ocorrer de forma desarticulada das dimensões éticas, políticas e pedagógicas que orientam a educação democrática. A tecnologia, nesse contexto, é um meio e não um fim.

Os resultados reforçam a importância de compreender a inclusão digital como um processo coletivo, que envolve professores, estudantes, gestores e comunidade. Não se trata apenas de garantir acesso aos dispositivos, mas de construir condições para que todos os sujeitos possam aprender, ensinar e interagir com dignidade. A valorização da autonomia docente, o incentivo à experimentação e a promoção da formação continuada são pilares para esse processo.

Como possibilidade de continuidade, sugere-se que pesquisas futuras investiguem de forma mais aprofundada as práticas pedagógicas em contextos híbridos e a relação entre inclusão

digital e territórios escolares vulnerabilizados. Também seria relevante explorar como estudantes com deficiência avaliam sua experiência em ambientes digitais, trazendo suas vozes como protagonistas da reflexão educacional.

Ao finalizar esta investigação, reafirma-se que a reconstrução do fazer pedagógico em ambientes digitais inclusivos não é tarefa individual, mas projeto coletivo. Requer coragem para transformar, disposição para escutar e compromisso com uma educação que acolhe e valoriza todas as formas de aprender.

## Referências

ARAUJO, Francisco de Assis Souza. *A docência inclusiva em tempos digitais: formação, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2025.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>.

CAVALCANTE, L. A.; TEIXEIRA, A. P.; VASCONCELOS, K. C. As TDICs na escola: a influência da cultura digital na prática pedagógica no processo de inclusão. *Quaestio: Revista de Estudos em Educação*, v. 26, e024036, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/5436>.

FERREIRA, Luana Souza. *Tecnologia assistiva na educação: práticas pedagógicas inclusivas em contextos digitais*. São Paulo: Cortez, 2021.

GRAZZIOTIN, L. S.; KLAUS, V.; PEREIRA, A. P. M. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Proposições*, v. 33, e20200141, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/al/GJCbBcY4rdVdvQY56T9qLRQ/>.

MARTELLI, A. et al. Análise de metodologias para execução de pesquisas tecnológicas. *Brazilian Applied Science Review*, v. 4, n. 2, p. 468-477, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BASR/article/view/7974>.

OLIVEIRA, S. R. et al. A integração das tecnologias digitais no ensino inclusivo: desafios e perspectivas pedagógicas para a educação e a linguagem. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 12, e10805, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/10805>.

PAZ, J. F. et al. Práticas pedagógicas inclusivas e tecnologias assistivas na educação digital: desafios e estratégias no ensino de estudantes com necessidades específicas. *Caderno Pedagógico*, v. 22, n. 7, e16819, 2025. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/16819>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e

fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>.